

Uma ameaça às redes: Ameaça à liberdade de navegação

Mônica Heloísa de Oliveira

Waldemiro Esteves da Fonseca

Vinícius de Resende D'Ercoli

Resumo:

O presente artigo apresenta um panorama pautado na concepção de como a internet e o internauta estão relacionando-se e alterando conjecturas muito ligadas ao ambiente real. Através de um conciso e importante levantamento histórico, são debatidos três pontos importantes como provocação e indícios de que são necessárias apreciações acadêmicas mais diversificadas em relação à formação do cidadão através do mundo virtual. Pensando nas possibilidades e perspectivas de inúmeras gerações que estão inseridas e diversificando as interações dentro e fora da internet, selecionamos alguns registros de especialistas sobre a formação e alterações nas relações do virtual com o real. Inclusive, seus próprios limites que estão alargando-se constantemente.

Palavras chave: Cidadania, Internet, Gerações

1 – Introdução

Uma das questões que mais intrigou-nos fora o fato de a internet apresentar um público variado e ainda possuir grandes debates em relação ao seu uso, portanto, quais são as opiniões, ou melhor, como os internautas que investem um grande tempo de suas vidas na frente dos equipamentos de informática estão formando opinião e conscientizando-se frente aos mais diversificados sistemas de censura nas navegações e downloads? Sem nos esquecer dos riscos de ameaças de invasão de dados pessoais, das máquinas e financeiros.

É sabido que a internet possui fundamentos práticos para sua relação entre o internauta e as páginas e materiais variados, onde, o computador ou

qualquer aparelho eletrônico que possua acesso e mecanismos gráficos à internet 2.0, consiga acessos através de mecanismos de busca como o Google e downloads de arquivos em geral que estejam ou não autorizados para uso compartilhado e livre. Conforme (Filho, 1998), “Os direitos autorais lidam basicamente com a imaterialidade, principal característica da propriedade intelectual. Estão presentes nas produções artísticas, culturais, científicas etc”.

Portanto, o incômodo fica a respeito de nossos papéis como internautas, afinal, estamos ligados aos mais variados tipos de perfis de rede, além de uma enorme gama de possibilidades de encontrar uma mesma informação e compartilhar opiniões e ações que vão ou não incomodar a nós mesmos algum dia ou as pessoas que estão interagindo conosco e quem conhecemos. Baseado no estudo de identidade de Oliveira et al. (1976), conseguimos identificar bases importantes para desenvolver nossas concepções a respeito da formação de cidadãos internautas através de seus estudos. Vejamos:

O estudo da identidade possui duas dimensões: uma pessoal (ou individual), que é pesquisada principalmente pela psicologia; e uma social (ou coletiva), que é campo de estudo da sociologia e da antropologia. Entretanto, é importante ter em mente que ‘não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo com a sociedade’.

Torna-se possível examinar um pouco da historicidade do internauta através de questionamentos que reflitam sobre o papel de formação de consciência em relação aos usos e às identidades que possuímos no ato de investir tanto tempo na internet.

2 - Quem somos na internet?

Pensando em como podemos encontrar uma linha de raciocínio mais congruente com nossos objetivos e conclusões, partimos da posição de provocar a nós mesmos em relação ao que somos e em relação ao mundo virtual da internet. Sabendo que nas duas últimas décadas, cada vez mais, encontramos um número maior de pessoas que declaram-se internautas e possuem relações de contato com a tecnologia cada vez mais íntimo. Conforme Reis e Lopes et al. (2002) “A difusão das tecnologias causa impacto na subjetividade do ser humano e na sua cultura, ocasionando mudanças em

virtude de sua inserção no cotidiano das pessoas”. No mesmo texto, as autoras baseiam sua obra na observação do cotidiano de uma senhora que passa há investir seu tempo em uma realidade que não representa em anos, nem de longe, um quarto dos anos de sua vida. Porém, torna-se um exemplo muito rico e que nos orienta em relação ao que as literaturas tratam como uma espécie de “perfil de formação geral dos internautas”, as crianças e os jovens. Apud, Karchar (2003):

afirma que os idosos apresentam dificuldades em entender a linguagem digital – denominados analfabetos virtuais – o que pode se tornar um elemento de exclusão social. Assim, para inserir-se na linguagem tecnologicada necessita do aprendizado da informática e, atualmente, muitas universidades e faculdades já oferecem cursos de informática para a terceira idade, atraindo um público bem expressivo.

E é exatamente na falta de uma experiência formadora no “mundo virtual” que ficamos incomodados com a forma como os adultos e principalmente os idosos, alguns, ainda no mercado de trabalho, compreendem seu real papel sobre um ambiente que fora construído a partir das experiências das crianças e jovens. O contrário das experiências vivenciadas pelas gerações que antecederam a informática e ainda estavam imersos à escola e ao conhecimento dos adultos como pilar intelectual de uma sociedade.

2 - Qual o significado da internet em nossas vidas?

Após levantar uma questão que acreditamos necessitar de muito mais pesquisas e informações, outro ponto são as conclusões que podemos tirar em relação a já sabida importância da internet em nosso cotidiano. Porém, estamos tratando diretamente de um conhecimento sobre o que é real e virtual em nossas próprias concepções e experiências dentro e fora da internet.

A velocidade de informações e possibilidades que internet proporciona são realmente uma experiência que ainda levará muitos pesquisadores aos mais diversificados campos de análise e perspectivas, ainda assim alguns autores nos deixam ainda mais provocados em relação ao que podemos vislumbrar. Naisbitt (2006) propõe duas realidades para vivenciarmos nossas realidades ditas reais e virtuais, o *High Tech* e o *High Touch*, onde o primeiro é

parte de nossa inabilidade em envolver mecanismos para melhorar nossa realidade, tratando impasses e corrupção, por exemplo, como se fosse algo natural e a segunda como uma forma de imersão às condições que as redes e as informações proporcionam como mecanismo de ação. Ou o seguinte exemplo: uma pesquisa acadêmica que inclua o high tech como fonte e plataforma de pesquisa e o high touch como a ação. Portanto, podemos nos orientar muito mais do que imaginamos, ou ainda podemos fingir viver em um novo mundo, de muita diversão, informação, entrando e saindo dos nossos ouvidos como um furacão de possibilidades jogadas ao vento.

4 – Conclusão

Como conclusão, deixamos algumas provocações que são formas de alertar em relação ao que imaginamos como natural, porém, tratar-se-á de uma complexa rede de relações, informações e possibilidades que vêm incomodando o ambiente corporativo e governamental, estabelecendo cada vez mais uma “alienação” e “naturalização” do que “deve” ser um internauta e sua navegação. Além de uma relação de gerações complexa que merece muita atenção em relação às condições pelas quais estão submetidos adultos e idosos que entraram mais tardiamente e aos idosos que buscam encontrar na internet uma nova maneira de comunicarem-se com as novas gerações e a solidão enfrentada em tempos anteriores às tecnologias.

5 – Referências

SILVA, João Batista Costa da. A internet enquanto recurso pedagógico na formação do cidadão contemporâneo disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/A-INTERNET-ENQUANTO-RECURSO-PEDAGOGICO-NA-FORMACAO-DO-CIDADAO-CONTEMPORANEO.pdf>>. Acesso em: 18 de maio de 2013.

FILHO, Martins Plínio. Direitos autorais na internet. Ci. Inf. Brasília, v.27, n.2 , p. 183, maio/ago. 1998

NAISBITT, John; NAISBITT, Nana; DOUGLAS, Philips. High tech, High touch: a tecnologia e a busca por significado. 3. Ed. São Paulo:Cultrix, 2006.

TERÊNCIO, Marlos Gonçalves; SOARES, Dulce Helena Pena. Psicologia em estudo. 2. ed. Maringá. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a14.pdf>>. A